

O Ensino Colaborativo Como Prática De Iniciação À Docência Em Educação Especial: Anos Finais Do Ensino Fundamental**Collaborative Education As A Practice To Begin Teachers In Special Education: Final Years Of Fundamental Education**

DOI:10.34117/bjdv6n3-022

Recebimento dos originais: 30/01/2020

Aceitação para publicação: 03/03/2020

Gabriela Brutti Lehnhart

Mestranda pelo Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Endereço: Rua João Lino Preto, nº1373, ap 304, Pinheiro Machado, Santa Maria, RS

E-mail: gabilehnhart@gmail.com

Thais da Silva Oliveira

Titulação: Licenciatura em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Endereço: Rua Radialista Oswaldo Nobre, 458, casa 111 - CEP: 97035-000

E-mail: thaisoliveiraquimica@gmail.com

Cláucia Honnef

Titulação: Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Endereço: Avenida Evandro Behr, 4279, casa 108 – CEP: 97110-800

E-mail: profclaucia@gmail.com

Sabrina Fernandes de Castro

Titulação: Doutorado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Endereço: Rua Padre João Penido Burnier, 130, apto 201

E-mail: sabrinafcastro@gmail.com

RESUMO

O presente artigo relata as ações realizadas no ano 2017 no projeto de extensão “O ensino colaborativo e à docência articulada como práticas na iniciação à docência em educação especial”, vinculado a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), foram desenvolvidas as propostas de ensino colaborativo e o trabalho articulado com Atendimento Educacional Especializado (AEE), para alunos com Deficiência Intelectual (DI) em uma escola da cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. Buscando parcerias entre professores do ensino regular e acadêmicos do Curso de Educação Especial. No projeto contou com a participação da direção da escola, a educadora especial, e os professores dos anos finais do ensino fundamental. As acadêmicas colaboradoras iniciaram suas atividades na escola, no segundo semestre de 2016, durante as reuniões de exposição da proposta do projeto aos professores e equipe diretiva da escola, afim de proporcionar um melhor entendimento aos professores sobre os conceitos básicos do ensino colaborativo, do AEE e conseqüentemente, sobre trabalho docente articulado. No texto serão descritas as ações que foram desenvolvidas durante a trajetória das bolsistas na escola, assim como, as atividades propostas e percepções dos professores sobre a abordagem do projeto de extensão. Desse modo, entende-se que o desenvolvimento do projeto

na escola, estimulou os professores a observar os alunos de formas diferentes, destacando que planejamento de aula não é pensado individualmente para cada aluno, mas podendo ser trabalhando de forma participativa com todos, olhando também para as singularidades dos alunos. Assim, proporcionando formas mais independentes e atividades concretas para o desenvolvimento do aluno com deficiência e os demais.

Palavras-chaves: Educação Especial; ensino colaborativo, iniciação a docência

ABSTRACT

This article reports on the actions carried out in 2017 in the extension project “Collaborative teaching and articulated teaching as practices in the initiation of teaching in special education”, linked to the Federal University of Santa Maria (UFSM), teaching proposals were developed collaboration and articulated work with Specialized Educational Assistance (AEE), for students with Intellectual Disabilities (DI) in a school in the city of Santa Maria, in the state of Rio Grande do Sul. Seeking partnerships between regular education teachers and academics from the Special education. The project included the participation of the school management, the special educator, and the teachers of the final years of elementary school. The collaborating academics started their activities at the school, in the second semester of 2016, during the meetings to expose the project proposal to the teachers and the school's management team, in order to provide a better understanding to teachers about the basic concepts of collaborative teaching, from AEE and consequently, about articulated teaching work. In the text, the actions that were developed during the trajectory of the scholarship students in the school will be described, as well as the activities proposed and the teachers' perceptions about the extension project approach. Thus, it is understood that the development of the project at school, stimulated teachers to observe students in different ways, highlighting that lesson planning is not designed individually for each student, but can be working in a participatory way with everyone, also looking for the students' singularities. Thus, providing more independent forms and concrete activities for the development of students with disabilities and others.

Keywords: Special education; collaborative teaching, teaching initiation

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente, se discute a presença da universidade nas comunidades através das ações de extensão, levando os conhecimentos teóricos construídos pelos estudantes durante suas trajetórias acadêmicas. Isso foi o que se buscou realizar com o projeto de extensão “O ensino colaborativo e a docência articulada como práticas na iniciação à docência em educação especial”, vinculado a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sendo que o presente artigo relata as ações do projeto.

Dessa forma, esse artigo explana as ações realizadas no ano de 2017, no projeto de extensão acima citado, o qual desenvolveu propostas de ensino colaborativo e o trabalho articulado com Atendimento Educacional Especializado (AEE), para alunos com Deficiência Intelectual em uma escola da cidade de Santa Maria. Buscando parcerias entre professores do ensino regular e acadêmicos do Curso de Educação Especial.

Essa articulação foi realizada a fim de auxiliar na promoção do ensino-aprendizagem dos alunos, principalmente dos alunos com deficiência intelectual, incluídos na escola regular, e tem por base os estudos de doutorado da pesquisadora Honnef (2013, 2015).

Entende-se, que o Ensino Colaborativo conta com a atuação em parceria do professor de ensino comum e o professor de educação especial em sala de aula. Ocorre de forma colaborativa nos momentos de planejamento, desenvolvimento e avaliação dos alunos nesse espaço (MENDES, VILARONGA E ZERBATO, 2014). Apresenta-se também o conceito do Trabalho Docente Articulado engloba ações dos docentes para o trabalho em sala de aula e em atendimento educacional especializado em sala de recursos multifuncionais (HONNEF, 2015), pensadas coletivamente entre professor ensino regular e pelo educador especial da escola.

No desenvolvimento do projeto em 2017, O trabalho docente articulado era proposto como uma prática que aliava as propostas de ensino colaborativo e atendimento educacional especializado (AEE), realizado em Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), sendo essa a proposta seguida pelo projeto.

Porém, vale destacar que em 2018 essa proposta se altera, não mais aliando ensino colaborativo e AEE, mas sim tendo por princípio que a educação especial e ensino comum precisam pensar e desenvolver conjuntamente as ações voltadas aos alunos com deficiência, tanto na sala de aula como na SRM, pensando coletivamente o ensino e a aprendizagem desses alunos em todos os espaços da escola, materializando isso através da construção coletiva do Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI) de cada aluno com deficiência (HONNEF, 2018), o qual será a base para um trabalho docente articulado entre educação especial e demais áreas do saber do espaço escolar .

Destaca-se a SRM é um espaço da escola onde se realiza o AEE para alunos público alvo da Educação Especial, são os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação. Por meio do desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, centradas em um novo fazer pedagógico que favoreça a construção de conhecimentos pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participem da vida escolar (BRASIL, 2008).

O projeto foi desenvolvido em uma escola municipal da cidade de Santa Maria, inicialmente através de um contato prévio com a Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria, levando em conta o Plano Municipal de Educação, o qual tem como meta a implementação do Ensino Colaborativo nas escolas. Contou com a participação da direção da escola, a educadora especial, e os professores dos anos finais do ensino fundamental.

As acadêmicas colaboradoras iniciaram a inserção na escola, no segundo semestre de 2016, durante as reuniões de exposição da proposta do projeto aos professores e equipe diretiva da escola. Em 2017 as ações do projeto na escola iniciaram junto com o início das aulas no mês de março. E ainda, a cada trimestre, foram realizados encontros de formação com os professores que aceitaram participar das ações do projeto, juntamente com a equipe diretiva, sendo que, um dos encontros

aconteceu na Universidade Federal de Santa Maria. Em seguida serão apresentadas as ações que foram desenvolvidas no projeto de extensão.

2 DESENVOLVIMENTO

O trabalho da Educação Especial soa como um trabalho isolado, apenas com os alunos público-alvo, dificultando na aproximação do educador especial com o restante da turma e os demais professores da sala de aula, ainda mais nos anos finais, onde a demanda de professores são maiores, devido cada disciplina ser representado por um professor. Isso, também, pode ser reflexo da ação de muitos educadores especiais que entendem o trabalho de Atendimento Educacional Especializado restrito a sala de recursos multifuncionais.

Aliás, talvez tal entendimento acontece tendo por base a forma de organização do AEE, descrita no Decreto nº 7.611/2011, que dispõe sobre a educação especial e sobre o atendimento educacional especializado. O documento especifica o AEE com um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos, organizados de forma:

- I - Complementar à formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, como apoio permanente e limitado no tempo e na frequência dos estudantes às salas de recursos multifuncionais;
 - II - Suplementar à formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação.
- (BRASIL, 2011)

Acreditando que o trabalho da Educação especial na escola precisa acontecer para além da sala de recursos, de forma colaborativa com os professores do ensino regular. Para o desenvolvimento deste projeto compreendeu-se o quanto foi importante que os profissionais envolvidos tivessem clareza sobre a proposta do projeto e os conceitos envolvidos nele.

Dessa forma o primeiro encontro na escola municipal aconteceu através de uma conversa com a direção e, logo, um encontro com o grupo escolar para apresentação do projeto e das bolsistas.

Na sequência realizou-se um curso de formação, objetivando proporcionar um melhor entendimento aos professores sobre os conceitos básicos do ensino colaborativo, do AEE e consequentemente, sobre trabalho docente articulado. Também foram discutidos os papéis a serem assumidos pelos bolsistas e professores voluntários a participar do projeto. Esses encontros serviram de base, também, para que pudéssemos compreender as dúvidas dos professores sobre os casos dos seus alunos com deficiência.

Acerca disso, Gately e Gately (2001) apontam no ensino colaborativo haver diferentes níveis de colaboração, com graus variados de interação e colaboração entre os profissionais da educação regular e da especial:

- Estágio inicial: eles se comunicam superficialmente, criando limites e tentativas de estabelecer um relacionamento profissional entre si, a comunicação é formal e infrequente;
- Estágio de comprometimento: a comunicação entre eles é mais frequente, aberta e interativa, o que possibilita que eles construam o nível de confiança necessário para a colaboração;
- Estágio Colaborativo: eles se comunicam e interagem abertamente, sendo que a comunicação, o humor e um alto grau de conforto é experienciado por todos. Eles trabalham juntos e um complementa o outro (VIRALONGA e MENDES, 2014, p. 148).

A partir desse saber, o projeto foi direcionado a área de deficiência intelectual, sendo desenvolvido em turmas que possuíam alunos com essa deficiência. Assim, uma das acadêmicas foi colocada na turma de 6º ano e a outra na turma de 8º ano, cada uma com um aluno com deficiência intelectual. A inserção em sala de aula aconteceu duas tardes por semana. Os encontros na turma foram registrados em um diário de campo no formato de planilha de registros.

Foi realizado um levantamento de informações sobre os alunos com deficiência das duas turmas, para que pudéssemos compreender seu histórico escolar, os trabalhos desenvolvidos nos outros anos e, por conseguinte preencher o Plano de desenvolvimento Individualizado do aluno (PDI).

Ocorreram os atendimentos educacionais especializados (AEE), no contra turno, uma vez por semana com as acadêmicas e em outro dia com a Educadora Especial da escola. Os registros dos atendimentos na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) foram descritos em um caderno que ficava na pasta do aluno, na SRM, para que a Educadora responsável tivesse acesso ao que as bolsistas desenvolviam e vice-versa. Essa ferramenta, possibilitou a comunicação efetiva entre as envolvidas e também para relatar acontecimentos importantes observados em sala de aula.

Para reflexão das práticas desenvolvidas pelas bolsistas, durante o ano, aconteceram reuniões semanais, com a coordenadora, colaboradora e as acadêmicas, a fim de estudar conceitos abordados no projeto, organizar materiais de apoio, encontros formativos, e elaboração do PDI (Plano de Desenvolvimento Individualizado) dos alunos.

2.1 APRESENTAÇÃO DAS AÇÕES IMPLEMENTADAS NO PROJETO

Das ações desenvolvidas durante o ano letivo, os fatores marcantes foram, a inserção das bolsistas em sala, a acessibilidade da escola, o bom relacionamento com os professores e equipe escolar, alguns encontros formativos entre outros acontecidos que serão apresentados a seguir.

A inserção das bolsistas em sala de aula foi bem aceita por todos os alunos, em algumas ocasiões a atenção da bolsista era voltada ao aluno com D.I, mas na maioria deles abrangia todos os alunos da sala isso auxiliou para o convívio harmonioso entre a turma. Os alunos tinham as bolsistas como uma outra professora presente na sala, nunca como monitora ou auxiliar somente do aluno com deficiência.

O que contribuiu para esse relacionamento de confiança entre bolsistas e os alunos, de certo modo, foi a credibilidade que os professores das disciplinas tinham no trabalho desenvolvido por elas, o relacionamento construído com os professores e equipe escolar, transcorreu com muita tranquilidade e parceria, houveram muitas trocas de aprendizado.

A flexibilidade e acessibilidade desta escola, foi o que possibilitou e fortaleceu a parceria e o desenvolvimento do projeto, pois durante esse período, as bolsistas fizeram parte da comunidade escolar de forma muito ativa, participando do contexto da escola, das famílias, dos eventos, de reuniões pedagógicas e isso colaborando para que o trabalho atingisse melhores resultados.

As bolsistas colaboradoras, foram convidadas pela equipe diretiva a organizar atividades temáticas voltadas a inclusão de pessoas com deficiência, para gincana da festa junina da escola, auxiliaram as turmas com os jogos, prezando pela participação de todos os alunos da escola.

A escola parceira abriu suas portas para os encontros formativos, em que eram discutidos aspectos verificados, conceitos envolvidos no projeto, além de uma ótima oportunidade de trocar ideias sobre o desenvolvimento dos alunos e ao planejar aspectos para melhorar o tratamento com eles.

Dessa forma, a comunidade foi levada até a universidade, através de um momento de estudo e confraternização com a equipe da escola. Nesse encontro os professores, coordenadores do projeto e acadêmicas discutiram o PDI dos alunos, além de planejar atividades para toda a comunidade escolar.

Os períodos de diálogo com os professores, algumas vezes restrito, puderam ser driblados através das redes sociais e e-mails. Já o planejamento em conjunto, premissa do ensino colaborativo, aconteceu em poucos momentos, por conta da excessiva carga horária dos professores direcionada ao momento de sala de aula. Em tempo de avaliação, os professores compartilhavam os trabalhos e provas para fazer uma análise e se necessário fazer adaptações para os alunos com D.I.

Conforme o passar do tempo e o acesso das bolsistas em sala de aula, verificando a metodologia de cada professor, ocorrem momento em que os professores argumentavam sobre a adaptação de um “material diferenciado” para os alunos com DI, em muitos dos casos seriam para realização de atividade, afim de alcançar a média do bimestre.

Assim, se propôs que o professor e as bolsistas, pudessem avaliar o aluno com DI, conforme as atividades que os demais colegas realizavam. Buscando averiguar as questões que o aluno conseguiria responder, no seu modo de entendimento do conteúdo, nestes casos, verificou-se a necessidade de uma pontuação diferenciada nas questões avaliativas.

Já com a educadora especial, os momentos de conversa foram mais restritos ainda, por conta da carga horária de 20 horas semanais presentes na escola e também da grande demanda de alunos que ela atendia. Já para a quebra dessa barreira, o caderno compartilhado na SRM, foi a melhor estratégia.

Uma das ações mais importantes, segundo o olhar das bolsistas, foram as atividades desenvolvidas com a turma sobre as deficiências, onde as turmas puderam explorar o espaço da Sala de Recursos Multifuncionais, conhecer o que seus colegas aprendiam naquele espaço. Principalmente, o quanto essa oportunidade refletiu no convívio das turmas com os colegas com deficiência, naquele espaço, ele tinha controle e conhecimento das atividades, pode mostrar e compartilhar informações com os colegas.

Através de momentos de diálogos em sala de aula entre as bolsistas e os professores, surgiam algumas ideias iniciais, com base no conteúdo abordado em aula. Contudo, se observava a insegurança e curiosidades dos alunos sobre alguns temas abordados em sala de aula, sendo que os momentos de parceria em sala de aula trouxeram formas diversas de contemplar mais sobre tais assuntos, estendendo as possibilidades de aprendizagem dos alunos tanto com DI quanto os demais das turmas.

Foram realizadas aulas expositivas com materiais concretos para que os alunos pudessem manusear, sendo isso importante aos alunos com deficiência intelectual e, também, aos demais, com a ampla participação de todos os alunos. Percebendo a necessidade de convidar um profissional de fora, como da área da saúde, para abordagem sobre assuntos pertinentes para a faixa etária dos alunos, sendo mencionaram pelos próprios alunos o quanto foram satisfatórias as atividades realizadas, lhes esclarecendo dúvidas importantes para a vida.

Desse modo, as práticas desenvolvidas pelo projeto foram importantes na abordagem do ensino colaborativo e trabalho docente articulado, nesse para o auxílio do professor sobre diferentes formas de compartilhar o conteúdo em aula. Outro ponto a destacar, foi a disponibilidade dos professores de possibilitar um gerenciamento compartilhado da sala de aula com a bolsista, fazendo com que emergissem diálogos originários das propostas e resultados positivos.

3 CONCLUSÃO

Levando em consideração os aspectos relatados anteriormente, verifica o quanto foi significativo o trabalho desenvolvido nessa ação extensionista. Foi possível alcançar os objetivos do

projeto e ainda contribuir com a comunidade escolar em que as bolsistas foram inseridas. Além de colaborar com o trabalho da professora de educação especial, a qual ressaltou através de relatos, o quanto a presença das bolsistas em sala, bem como no AEE, auxiliou no trabalho com os alunos com D.I, tornando o atendimento mais específico as necessidades apresentadas por eles.

Os professores apontam como elemento motivador da participação no projeto a abertura da escola em acolher a ideia e o suporte que ele daria nos momentos de formação na escola. Eles destacaram também a busca deles por uma metodologia diferenciada, e o anseio por orientações que sanassem suas dúvidas sobre os alunos com deficiência intelectual.

Ainda, no projeto buscou-se realizar o ensino colaborativo por meios alternativos de comunicação, como redes sociais e mesmo momentos nos intervalos para organizar e discutir atividades para todos os alunos, referente ao conteúdo abordado em aula pelos professores e como outros temas sugeridos, conforme a disponibilidade de cada professor.

Desta forma observou-se o papel da bolsista colaboradora como de coensino, juntamente com o professor da disciplina em sala de aula, excluindo a ideia do professor de Educação Especial, quando em sala de aula comum, ser um professor de apoio somente para o aluno com deficiência.

Sobre a articulação do trabalho entre sala de aula e sala de recursos multifuncionais, ocorreram de várias formas, sendo realizados atendimentos educacionais especializados com os alunos com DI, de modo individualizado, mas também em conjunto com seus colegas, de forma a auxiliar os vários alunos sobre as atividades proposta em sala de aula pelo professor e com disponibilidade de algumas disciplinas de enviar antecipadamente seu plano de aula, sendo essa utilizada com revisão para o aluno com deficiência intelectual.

Desse modo, entende-se que o desenvolvimento do projeto na escola, estimulou os professores a observar os alunos de formas diferentes, destacando que planejamento de aula não é pensado individualmente para cada aluno, mas podendo ser trabalhando de forma participativa com todos, olhando também para as singularidades dos alunos. Assim, proporcionando formas mais independentes e atividades concretas para o desenvolvimento do aluno com deficiência e os demais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Políticas Nacionais de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

BRASIL, Decreto nº 7611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providencias. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2011b.

GATELY, S. E.; GATELY F. J. **Understanding co-teaching componentes**. Teaching Exceptional Children (TEC), Arlington, v.33, n. 4, p.40-47, 2001.

HONNEF, C. **Trabalho docente articulado: a relação entre a educação especial e o ensino médio e tecnológico**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

HONNEF, C. **Trabalho docente articulado: a relação entre a educação especial e o ensino comum**, 37ª Reunião Nacional da ANPED, UFSC, Florianópolis, 04 a 08 de outubro de 2015.

HONNEF, C. **O trabalho docente articulado como concepção teórico-prática para a educação especial**. Tese (Doutorado) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MENDES, E. G.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P.; **Ensino Colaborativo como Apoio à Inclusão Escolar**, EdUFSCar, 2014 160p.

VIRALONGA, C.A.R; MENDES, E. G. **Ensino Colaborativo para apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre professores**. Revista Brasileira Estudos Pedagógicos (Online), Brasília, v. 95, n. 239, p.139-151, jan./abr. 2014.